

GRUPOS FOCALIS: UM NOVO OLHAR SOBRE O PROCESSO DE ANÁLISE DAS INTERAÇÕES VERBAIS

Giselda dos SANTOS COSTA
(Universidade Federal de Pernambuco)
giseldacostas@hotmail.com

RESUMO: O uso explícito da interação verbal é a marca registrada do método de pesquisa grupo focal. Entretanto, recentes pesquisas apontam uma aparente desconexão entre a teoria e a análise da interação dos participantes. Este artigo tem como objetivo apresentar os novos debates sobre como as interações dos participantes devem ser analisadas, destacar a integração da comunicação não verbal no processo de análise dos dados e enfatizar a importância que o método grupo focal tem nas pesquisas que investigam a linguagem no interior da Linguística, mais especificamente na Linguística Aplicada.

PALAVRAS-CHAVE: grupo focal; interação verbal; comunicação não verbal; Linguística Aplicada.

ABSTRACT: The explicit use of the verbal interaction is the hallmark of the research method called focus group. However, recent researches indicate an apparent disconnection between theory and analysis on the interaction of participants. This paper aims at presenting the new debates on how the interactions between the participants should be analyzed, highlighting the integration of non-verbal communication to the process of data analysis, and emphasizing the importance that the focus group method has in the researches investigating language within Linguistics, more specifically within Applied Linguistics.

KEYWORDS: focus group; verbal interaction; non-verbal communication; Applied Linguistics.

Introdução

Conforme observa Morgan (1996: 2), "a marca registrada do grupo focal é o uso explícito da interação verbal". Entretanto, debates relativamente recentes apontam uma aparente desconexão entre a teoria e a análise da interação dos participantes na pesquisa de grupos focais (GRØNKJÆR et al., 2011; HALKIER, 2010; LEECH; ONWUEGBUZIE, 2008; KITZINGER, 1994; MARKOVÀ et al., 2007; SMITHSON, 2000; ÖBERG, no prelo; ONWUEGBUZIE et al., 2009; 2010; WEBB; KEVEN, 2008; WIBECK et al., 2007; WILKINSON, 1998). Halkier (2010) afirma que a literatura é rica a respeito de como criar um grupo focal, como selecionar os participantes e como conduzir a sessão do grupo, mas que há pouca informação a respeito de como analisar a interação entre participantes.

Jenny Kitzinger (1994), por exemplo, revisou mais de 40 estudos de grupos focais e não encontrou nenhuma interação analisada dos participantes. Revisando as pesquisas da área de enfermagem que usaram grupos focais, Christine Webb e Jennifer Kevern (2008) constataram a importância da interação na justificativa dessas pesquisas, no entanto, no levantamento dos dados, observaram a ausência da análise das interações.

Sue Wilkinson (1998) revisou outros 200 estudos realizados entre 1946 e 1996, obtendo resultados semelhantes. A autora afirma que os dados desse método de investigação são, na maioria das vezes, apresentados como se fossem dados de entrevistas individuais, raramente são analisadas as interações dos participantes do grupo. E essas interações são normalmente usadas apenas para ilustrar as vantagens de grupos focais sobre outros métodos, cujas conversas são analisadas apenas no nível do conteúdo e não em termos de suas características de interação.

Na recente literatura de grupos focais, há vários novos olhares que enfatizam diferentes formas de análise, mas, ainda, permanecem muitas questões em aberto. Este artigo é uma tentativa de preencher algumas partes dessa lacuna, como, também, de enfatizar que esse método pode ser usado largamente nas áreas que investigam a linguagem, notadamente a Linguística e a Linguística Aplicada (LA). Em primeiro lugar, temos uma breve revisão da literatura sobre novos conceitos de grupos focais. No segundo momento, serão apresentados os novos debates sobre como as interações dos participantes devem ser analisadas e, em seguida, será sugerida uma diversidade de análise qualitativa que pode ser utilizada em projetos de pesquisa, apresentando uma tabela com 19 tipos de técnicas de análises baseado nos estudos de Leech e Onwuegbuzie (2008). Na seção final, destaca-se

a importância de integrar a comunicação não verbal no processo de análise dos dados de pesquisa e sugerem-se exemplificações com quadros e com *softwares* que podem contribuir para uma maior confiabilidade na investigação qualitativa. Finalmente, o artigo conclui apontando contribuições de trabalhos acadêmicos sugeridas por este ensaio à pesquisa em Ciências Sociais.

1. Definições

No Reino Unido, uma coleção de artigos sobre pesquisa utilizando grupos focais, chamada *Developing focus group research: politics, theory, and practice*, é uma marca histórica para as investigações acadêmicas que envolvem esse método (KITZINGER; BARBOUR, 1999 apud BARBOUR, 2009).

Muito se tem escrito sobre o que são grupos focais e como conduzi-los. Como sempre, as vantagens e as desvantagens, a seleção dos participantes, o guia da entrevista e a função do moderador têm sido exploradas nessas fontes de dados, todavia, as novas discussões exploram a necessidade de revisões metodológicas, especificamente em relação à compatibilidade entre as abordagens metodológicas dos grupos focais como método de investigação e a interação entre os participantes na análise dos dados como uma característica fundamental deste. Uma reflexão sobre as definições de grupos focais abrirá o caminho para essa discussão.

Uma definição simples é apresentada por Krueger (1994). O autor afirma que a entrevista de grupo focal é uma marca dentro das tendências humanas. Atitudes e percepções relativas a conceitos, produtos, serviços ou programas são desenvolvidas, em parte, pela interação com outras pessoas. Nós somos um produto do nosso meio ambiente e somos influenciados por pessoas que nos rodeiam.

Essa definição liga-se à principal justificativa para o uso dos grupos focais, qual seja: "capturar a interação de um grupo para gerar e extrair importantes dados experimentais" (ASBURY, 1995 apud LEECH; ONWUEGBUZIE, 2008: 14). Desenvolvendo essa ênfase na interação, Kitzinger (1994) indica que a ideia por trás do método de grupo focal é que os processos do grupo possam ajudar as pessoas a explorar e a esclarecer seus pontos de vista de uma maneira que não seria possível de captá-los por outros métodos, como, por exemplo, a observação participante, as entrevistas individuais ou os questionários.

Chamando a atenção para a diversidade de usos do termo "grupos focais", Kitzinger e Barbour (1999 apud BARBOUR, 2008: 145) inicialmente os definem como "um grupo de discussão que explora um

conjunto específico de questões que são 'focadas' envolvendo processo como um tipo de atividade coletiva" e essa atenção deve ser dirigida às estratégias para incentivar um "espírito de contradição" (BILLIG, 1996), de modo que os argumentos e contra-argumentos sejam transformados em vantagens e usados como recurso na análise.

Markovà et al. (2007) apresentam os grupos focais como um significado analítico por explorar comportamentos socialmente compartilhados, por exemplo, representações sociais, crenças, expectativas de diversos fenômenos sociais. O ponto de partida é que as pessoas vivem em um mundo de palavras "já ditas", um olhar que foi desenvolvido a partir das ideias de Mikhail Bakhtin. Cada indivíduo representa seu mundo a partir do mundo do outro pela construção dialógica e a reconstrução de um mundo social multifacetado e multivozes situado na cultura (MARKOVÀ et al., 2007: 8). Esses autores afirmam que, independente das ferramentas que o pesquisador usará para a análise, é preciso respeitar a construção do conhecimento socialmente compartilhado.

Assim, todas as definições de grupos focais nesses novos debates defendem que, durante as discussões dos grupos, um censo coletivo é estabelecido, os significados são negociados e as identidades elaboradas pelos processos de interação social entre as pessoas. A interação é a chave para o método, pois o que os participantes dizem pode ser confirmado, reforçado ou contestado dentro do grupo de discussão.

2. A análise das interações dos grupos focais: em debate

Pesquisadores como Grønkjær et al. (2011), Halkier (2010), Kitzinger (1994), Markovà et al. (2007), Smithson (2000); Leech e Onwuegbuzie (2008), Öberg (no prelo), Onwuegbuzie et al. (2009; 2010), Webb e Keven (2008), Wibeck et al. (2007) e Wilkinson (1998) têm apontado que, embora a interação entre os participantes de grupos focais seja considerada um marco desse tipo de pesquisa, a interação em si raramente tem sido avaliada, analisada ou discutida com base no material empírico coletado por meio desse método. Segundo Halkier (2010), a interação é abordada como parte de estratégia de amostragem para a produção de dados, tais como: apresentações, tipos de perguntas e estratégias do pesquisador.

Wilkinson (1998) adverte que a pesquisa de grupos focais não está vinculada a uma epistemologia¹ particular e pode ser usada dentro dos paradigmas essencialista ou construcionista, embora os grupos focais

¹ Epistemologia se refere ao que é considerado conhecimento ou evidência de elementos no mundo social.

raramente ofereçam demonstrações epistemológicas. Wilkinson observa que a epistemologia predominante nos dados dos grupos focais é a essencialista ou racionalista. Uma abordagem essencialista tende a ver os grupos como instrumento de rápida coleta de dados, com vários participantes reunidos, trazendo para o grupo opiniões pré-fabricadas, que posteriormente são acessadas ou deduzidas pelo pesquisador.

Historicamente, esse fenômeno é justificado em sua origem, pois o grupo focal emergiu de um paradigma positivista que valorizava, acima de tudo, a racionalidade do indivíduo. Com a lente da psicologia social, através da qual o pai desse método, Robert Merton et al., na Agência de Pesquisa Social Aplicada da Universidade de Columbia, testaram as reações às propagandas e transmissão de rádio durante a Segunda Guerra Mundial. Foi, certamente, esse procedimento que guiou o início do desenvolvimento de grupos focais (MERTON; KENDALL, 1946 apud WIBECK et al., 2007). O campo do *marketing*, que depois adotou o método, também se apoia em fortes tradições positivistas, por isso não é de se estranhar que a interação nesse contexto é retratada como um meio para um fim – de interesse para a sua influência sobre os indivíduos no grupo e não como um objeto de análise em si. Assim, o participante é visto como relator para o grupo focal, um produtor de dados (WIBECK et al., 2007).

Em contrapartida, a condução da pesquisa de grupos focais dentro da epistemologia construcionista ou dialógica² já não vê crenças, ideias, opiniões e entendimentos gerados por indivíduos isolados, mas, sim, como construídos em interação com os outros, em contextos sociais específicos (WILKINSON, 1998). Padilha (1993 apud BARBOUR, 2009: 61) argumenta que o papel essencial dos investigadores na pesquisa dialógica é facilitar a produção de conhecimento pelos e para os sujeitos de pesquisa.

Nessa perspectiva, os pesquisadores afirmam que as interações entre os participantes de grupos focais criam incentivos para iniciar processos de aprendizagem, uma vez que as experiências dos participantes e os desafios cognitivos desenvolvem seus argumentos e algumas vezes, até mesmo modificam suas opiniões durante o debate (BILLIG, 1996; DOLMANS et al. 2001). Estudos mostram que as experiências de conflitos cognitivos dos participantes dos grupos focais podem resultar em uma reestruturação da base de conhecimento ou de mudança conceitual (DOLMANS et al., 2001).

Na epistemologia essencialista, ao analisar o material empírico derivado de uma discussão de grupos focais, o pesquisador geralmente o categoriza, descreve literalmente o que foi dito pelos participantes,

² O tipo de método de pesquisa dialógico também é defendido por Freire (1987).

com uma pergunta em mente: "o que os participantes estão falando?". Wibeck et al. (2007) sugerem que essa questão seja substituída por: "o que eles estão tentando aprender"? Com essa mesma linha de pensamento, Stevens (1996 apud WIBECK et al., 2007: 173) sugere dozes questões de pesquisa na interação de grupos focais, argumentando que as respostas a essas perguntas acrescentarão dados importantes na dimensão da análise da interação do grupo:

1. Com que afinidade o grupo aderiu às questões apresentadas para discussão?
2. Por que, como e quando foram trazidos os problemas relacionados acima?
3. Que declarações permitiram conflitos?
4. Quais foram as contradições na discussão?
5. Que experiências comuns foram expressas?
6. Formaram-se alianças entre os membros do grupo?
7. Houve algum participante cujo ponto de vista foi silenciado?
8. Houve uma visão particular dominante?
9. Como o grupo resolveu as divergências?
10. Que temas produziram consenso?
11. Quais interesses estão sendo representados no grupo?
12. Como foram tratadas as emoções?

Assim, ao invés de simplesmente codificar o que os participantes falam, valorizando apenas o conteúdo, o analista, sob esse novo olhar, também é capaz de avaliar a forma como eles estão falando e como seus pontos de vista são mantidos, reforçados, modificados ou rejeitados na interação. Nesse tipo de análise, Stevens (1996 apud WIBECK et al., 2007) afirma que o pesquisador pode explorar a elaboração dos confrontos individuais como ajuda na formação de uma rede de conhecimento socialmente compartilhado, emergentes através da discussão em grupo com os participantes.

Os pesquisadores na perspectiva construcionista veem o que está acontecendo em grupos focais como um processo social dinâmico, em que os participantes estão engajados na construção coletiva de uma narrativa sobre um tópico. E da perspectiva dialógica, a interação em grupo focal ocorre em três níveis: 1) a interação entre os participantes e pesquisadores criando "teia de sentidos interdependentes"; 2) a interação entre os "pensamentos, ideias e argumentos"; 3) a interação

com "as tradições socioculturais incluindo as maneiras de falar sobre o assunto" (MARKOVÀ et al., 2007: 133).

Segundo Hyden e Bülow (2003), o analista precisa, também, observar que os participantes nem sempre falam a partir do mesmo ponto de vista, pois eles podem mudar a sua identificação (por exemplo, falam às vezes como profissionais, membros de determinados grupos socioeconômicos ou culturais, ou como pessoas individuais) em todo o curso da entrevista. Hyden e Bülow (2003: 320) sustentam que "é importante observar os dados como 'fala situada', assim será possível analisar qual a capacidade e como os membros falam em vários pontos na discussão". Eles argumentam, também, que é importante contextualizar o que é dito em grupos focais, porque o conteúdo evolui ao longo da discussão e os participantes podem mudar suas posições, porque as pessoas deslocam sua identificação, justificam ou reveem suas opiniões, ou transformam novas ideias por meio de reflexões coletivas.

Nesse sentido, a interação de grupo focal não é mais vista como um campo neutro sobre o qual a opinião individual é colocada. Em vez disso, como qualquer prática social, o indivíduo é influenciado tanto pelo que dizem quanto por como dizem.

3. Incorporar a interação e a análise qualitativa no projeto de pesquisa

Segundo Öberg (no prelo), a integração da interação dos participantes no projeto de pesquisa pode ser facilitada inicialmente fazendo algumas perguntas básicas:

- a) Qual é o objetivo fundamental da pesquisa?
- b) Que recursos (financeiros e humanos) estão disponíveis?
- c) Que teoria(s) será(ão) utilizada(s) para o estudo, bem como para a análise e a interpretação dos dados?

As respostas a essas perguntas fornecem um ponto de partida para estudar a forma de definir como apoiar a interação dos grupos, bem como a forma de lidar com a codificação dos dados da interação. Os recursos disponíveis irão determinar a extensão do estudo, bem como o nível de interação do participante que pode ser usado na produção de dados. Os estudos que focam mais a interação social entre os participantes podem ser muito mais difícil de transcrever e analisar os códigos – aumentando, assim, o tempo e o custo necessários para fazer a investigação.

Ainda segundo Öberg (no prelo), uma vez que os objetivos da pesquisa são definidos, é possível especificar qual abordagem (essencialista ou construcionista) é mais adequada para o projeto. A próxima etapa envolve a definição do quadro teórico de pesquisa para fundamentar a análise qualitativa de grupo focal. Entretanto, Leech e Onwuegbuzie (2008) afirmam que inexistente um quadro que descreva as técnicas que os pesquisadores possam utilizar na análise das interações de suas pesquisas de grupos focais. Eles acham surpreendente a inexistência desse quadro, tendo em conta: a) a história relativamente longa da pesquisa de grupos focais (cerca de 80 anos); b) a complexidade da análise dos dados de grupo focal em relação à análise dos dados de uma entrevista individual; e c) a variedade de técnicas disponíveis para análise qualitativa constante na literatura.

Assim, Leech e Onwuegbuzie (2008) apresentam um resumo de 19 técnicas de análise qualitativas mais comuns com o propósito de aumentar a visão *crystalizada* do pesquisador. Denzin e Lincoln (2006: 6) explicam esse conceito de cristalização numa perspectiva pós-moderna: o que se vê quando se observa um cristal depende de quem vê e como vê, do ângulo em que nele incide a luz. "No processo de cristalização não há um 'dizer' correto; cada um, tal como a luz incidindo no cristal, reflete uma perspectiva diferente do fenômeno". Qualquer perspectiva do mundo pode sempre incluir diversas facetas pelo que permite uma compreensão de um tópico de uma maneira profunda e complexa. Vejamos o resumo das análises qualitativas mais comuns na Tabela 1.

Tabela 1 □ Resumo das análises qualitativas mais comuns

Tipos de análise	Breve descrição
Análise de comparação constante	Reduz sistematicamente dados para códigos, depois desenvolve temas dos códigos.
Análise de conteúdo clássica	Conta os números de códigos.
Contagem de palavras	Conta o total de palavras usadas ou o número de vezes que uma palavra específica é usada.
Palavras-chave em contexto	Identifica as palavras-chave e utiliza as palavras próximas para compreender o sentido subjacente da palavra-chave.

Análise dominante	Utiliza as relações entre símbolos e referências para identificar os domínios.
Análise taxonômica	Cria um sistema de classificação que inventa o domínio dentro de um diagrama ou fluxograma para ajudar o pesquisador a entender a relação entre os domínios.
Análise componencial	Usa matrizes e/ou tabelas para descobrir as diferenças entre os subcomponente dos domínios.
Análise da conversação ³	Utiliza o comportamento dos falantes para descrever os métodos das pessoas para produzir interação social em ordem.
Análise do discurso	Seleciona segmentos representativos de uso exclusivo da língua, tais como várias linhas de uma transcrição da entrevista, e examina as linhas selecionadas em detalhes para a organização retórica, variabilidade, responsabilidade e posicionamento.
Análise de dados secundários	Analisa dados não naturalistas ou artefatos provenientes dos estudos anteriores.
Análise de categorização	Utiliza o papel de interpretar, fazer descrição e selecionar uma categoria específica (por exemplo, o bebê, irmã, irmão, mãe, pai □ família).
Semiótica	Usa a fala e texto como sistemas de signos sob a suposição que o significado pode ser anexado a um único termo.
Manifesto da análise de conteúdo	Narra o que observa. É uma investigação para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.
Análise de conteúdo oculto	Descobre significado subjacente ao texto.
Análise comparativa qualitativa	Analisa sistematicamente as semelhanças e diferenças através de casos, normalmente usado como uma abordagem de construção teórica, permitindo que o analista realize conexões entre

³ A análise da conversação tem sido alvo de críticas de Giddens (1993), por privilegiar ideias de agência (a capacidade dos indivíduos de efetiva ação humana) em detrimento das ideias estruturais.

	as categorias previamente construídas, bem como para testar e desenvolver as categorias.
Análise da narrativa	Considera o potencial das histórias para dar sentido à vida do indivíduo e tratar os dados como histórias, permitindo aos pesquisadores observar a avaliação própria dos participantes da pesquisa.
Exploração do texto	Analisa o que ocorre naturalmente no texto, a fim de descobrir e capturar informações semânticas.
Análise microinterlocutor	Analisa as informações das respostas de cada participante de um ou mais grupos focais, observando as características emocionais, como os participantes falam, a comunicação não verbal usada, e assim por diante.

Fonte: Leech e Onwuegbuzie (2008).

Encontramos, na literatura do grupo focal, os trabalhos de Agar e MacDonald (1995) que usam a análise da conversação para transcrever e analisar seus dados, mas também utilizam modelos construídos a partir de pesquisa etnográfica para interpretar os dados e se encaixar dentro de um projeto etnográfico mais amplo. Hyden e Bülow (2003) usam um método inspirado pelas técnicas da análise crítica do discurso e da análise da conversação, porém, sentem que seu objetivo (para descobrir o que as pessoas estão fazendo quando participam em grupos focais) é mais bem alcançado utilizando técnicas da Psicologia Social e Etnometodologia.

Catterall Maclaran (1997 apud ÖBERG, no prelo: 18) fornece uma lista útil do que uma análise da interação de grupos focais pode revelar:

- Uma linguagem compartilhada sobre um tema; os participantes debatem o que é admitido ou questionado;
- As crenças e mitos sobre o tema de forma compartilhada, um dado adquirido, e que são desafiados;
- Os argumentos que os participantes invocam para justificar suas opiniões e experiências e como os outros reagem a eles;
- Os argumentos, as fontes e tipos de informações que estimulam mudanças de opinião ou de reinterpretação de experiências;
- O tom de voz, linguagem corporal e grau de envolvimento emocional que está envolvido quando os participantes conversam entre si sobre o tema.

Em nossa visão, a escolha entre a perspectiva essencialista ou construtivista e o tipo de análise qualitativa devem ser uma parte explícita do processo de tomada de decisão na fase de projeto de investigação, combinando a complexidade da análise para a finalidade adequada e habilidades dos pesquisadores. Não seria produtivo se os pesquisadores no campo de *marketing*, ao investigarem as reações dos consumidores sobre um produto, analisassem com uma grande ênfase a interação dos participantes, porque estariam familiarizados com o seu papel como consumidores e dariam *feedback* a partir desse ponto de vista. Se, por outro lado, os pesquisadores estão investigando os valores culturais em grupos específicos ou discussões teóricas, para fins de pesquisa exploratória, o tempo e o esforço analítico dedicado à análise das interações dos participantes, incluindo as informações não verbais, podem muito bem ser um passo importante.

Convém destacar mais uma vez a importância que o método “grupos focais” desempenha nas pesquisas que investigam a linguagem no interior da Linguística, mais especificamente na Linguística Aplicada (LA). Segundo Menezes et al. (2009), já há consenso de que o objeto de investigação da LA é a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou outra língua, seja em qualquer outro contexto onde surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem, independentemente das escolhas teóricas e metodológicas.

4. Comunicação não verbal em grupos focais: como analisar

Segundo Bull (2001), o termo comunicação não verbal foi popularizado no século XX, embora nem sempre fique claro exatamente o que isso significa. O termo não verbal só exclui a comunicação através das palavras e os recursos que podem incluir são praticamente ilimitados. Pode referir-se à comunicação através do toque ou do cheiro, através de vários tipos de artefatos, tais como máscaras e roupas. Mas é a comunicação através do movimento corporal que almejamos enfatizar neste estudo.

Para Onwuegbuzie et al. (2010), a comunicação não verbal é outra importante fonte de dados em grupos focais, que é omitida por muitos, senão a maioria dos investigadores nos relatórios finais. Talvez essa omissão comum possa vir do fato de que a discussão sobre comunicação não verbal tem pouco espaço na pesquisa qualitativa. Por exemplo, na última edição do *Handbook of Qualitative Research* (DENZIN; LINCOLN, 2006), um dos principais livros em termos de investigação qualitativa nos Estados Unidos, dos 44 capítulos e 1.126 páginas, apenas dois pequenos parágrafos (da página 713) de um capítulo (o de número 27) tratam explicitamente da comunicação não verbal. Outro exemplo é o de

Creswell (2007), um dos livros americanos mais populares, com 393 páginas, em que não há uma informação explícita sobre a comunicação não verbal. Além disso, mesmo entre livros didáticos que proporcionam a discussão não ocorre orientação explícita quanto à forma para analisar os dados. Isso tem acontecido, apesar da comunicação não verbal vir sendo abordada por várias décadas nos campos das pesquisas linguísticas e da comunicação (ONWUEGBUZIE et al., 2010).

Como observa Gorden (1980), há quatro modos básicos de comunicação não verbal: proxêmica (uso de espaço para comunicar atitudes interpessoais), cronêmica (o uso de estimulação da fala e da duração do silêncio na conversação), paralinguístico (todas as variações de volume, tom e qualidade de voz que acompanham o discurso, como também, o silêncio) e cinésica (movimentos corporais ou posturas). Se a sessão de grupo focal não for gravada em vídeo, o assistente do moderador deve recolher a maior quantidade de dados da comunicação não verbal possível, para que o analista possa incluir essas informações juntamente com os dados verbais.

Leech e Onwuegbuzie (2008) sugerem que o assistente crie e use um mapa de assentos que documente onde cada membro do grupo focal esteja localizado em relação aos outros membros do grupo. Além disso, recomenda-se que o assistente também registre as informações demográficas relevantes no mapa de lugares para que o analista possa examinar os padrões de localização (por exemplo, onde todos os membros do sexo feminino sentam em relação aos outros). O analista pode investigar mais facilmente todas as relações entre os padrões de resposta, características demográficas e padrões de assentos. Tais investigações poderiam ser utilizadas para fins de representação (a expansão de dados) ou de legitimação (para avaliar se a resposta padrão tem um contexto de gênero). Leech e Onwuegbuzie (2008) recomendam, também, que o assistente use uma tabela para registrar informações paralinguísticas, proxêmicas, cronêmicas e cinésicas enquanto a entrevista em tempo real está ocorrendo e, para minimizar o tempo, o assistente deverá usar convenções de transcrição. A amostra de uma matriz para registrar informações não verbais encontra-se na Tabela 2, e convenções de transcrição são apresentadas na Tabela 3.

Tabela 2 □ Registro de informações paralinguísticas, proxêmicas, cronêmicas e cinésicas

Pergunta	Membro 1	Membro 2	Membro 3	Membro 4	Membro 5	Membro 6
1						
2						
3						
[...]						

Fonte: Leech e Onwuegbuzie (2008).

Tabela 3 □ Convenções de transcrição para comunicação não verbal

Símbolo	Descrição
hhh	A letra "h" é usada para indicar aspiração alta, seu comprimento sendo aproximadamente proporcional ao número de "hs". Se precedida por um ponto, a aspiração denota uma inspiração.
>	A fala é mais rápida do que a conversa envolvida.
<	A fala é mais lenta da interação.
(0,6)	Os números entre parênteses indicam os períodos de silêncio, em décimos de segundo, um ponto entre parênteses indica uma pausa de menos de 0,2 segundo.
:::	Dois pontos indicam um aumento do som que os precedeu, proporcional ao número de dois pontos.
Hoj-	Um hífen indica um corte abrupto ou interrupção do enunciado em andamento indicado pelo anterior. Hoje (o exemplo, aqui, representa uma interrupção na palavra 'hoje').
_____	Sublinhando indica ênfase.
Be^lo	Acento circunflexo indica um tom alto da voz.
=	Sinais iguais indicam que não há nenhum silêncio entre as

	sentenças ou frases.
LLL	A letra "L" é usada para representar risos.
SSS	A letra "S" é usada para representar um suspiro.
FFF	A letra "F" é usada para representar franzindo na testa.
PPP	A letra "P" é usada para representar a paixão.
L ↑	O falante se inclina para frente enquanto fala, o comprimento da flecha sendo aproximadamente proporcional a quanto o falante se inclina.
L ↓	O falante se inclina para trás enquanto fala.
L ←	O falante se inclina para a esquerda enquanto fala.
L →	O falante se inclina para a direita enquanto fala.

Fonte: Leech e Onwuegbuzie (2008).

Outro modelo útil para avaliar a comunicação não verbal é o modelo neurocultural de expressão facial (Ekman, 1972 apud BULL, 2001). Segundo esse modelo, há pelo menos seis emoções fundamentais que estão associadas com as expressões faciais inatas que podem ser modificadas através da aprendizagem sobre "regras de exibição". Essas regras são normas que guiam a expressão das emoções em vários contextos sociais e a variação dentro e entre as culturas (BULL, 2001). As seis emoções abordadas são alegria, tristeza, raiva, medo, nojo e surpresa que estão representadas na Tabela 4. Tal tabela poderá ser usada para documentar o tipo de emoção expressa pelos participantes nas respostas de cada pergunta da entrevista, como, também, pode ser adaptada para registrar a comunicação não verbal.

Tabela 4 □ Modelo neurocultural de expressão facial de Ekman

Emoção	Membro 1	Membro 2	Membro 3 [...]
Felicidade			
Tristeza			
Raiva			

Medo			
Desgosto			
Surpresa			
Outros ⁴			

Fonte: Onwuegbuzie et al. (2010).

Se a sessão de grupo focal for gravada com áudio e vídeo, o pesquisador e o assistente não estão limitados a recolher os dados de comunicação não verbal durante a sessão do grupo com base em tabelas. O analista precisará, após a gravação, da ajuda tecnológica de alguns *softwares* para melhor analisar seus dados.

O'Halloran (2010) afirma que a análise qualitativa de dados não pode permanecer essencialmente delimitada à capacidade dos pesquisadores para captar e retratar a complexa interação dos recursos semióticos, especialmente nos casos de textos visuais dinâmicos, como vídeos. Esses pesquisadores precisam de auxílio de *softwares* para que seus dados tenham maior confiabilidade. O'Halloran (2010) entende que, apesar de todos os avanços alcançados para analisar a linguagem, imagens e outros recursos semióticos, muitos quadros e modelos para a transcrição e análise de dados continuam a contar com baixa tecnologia.

Segundo Halliday e Greaves (2008 apud O'HALLORAN, 2010), os *softwares* não farão nunca o trabalho intuitivo e criativo que é parte essencial da análise qualitativa, mas eles aumentam o poder de nosso alcance analítico, apresentando fenômenos mais ricos, mais complexos e detalhados para a análise. Para fazer isso, inevitavelmente, exige-se que os analistas aprendam a usar esses recursos e técnicas informacionais e, assim, eles poderão lidar adequadamente com a natureza desses meios de comunicação.

Desde a década de 1980, uma ampla variedade de *softwares* tem sido criada para auxiliar na análise de dados qualitativos. Para referir-se a eles, é comum a utilização da sigla CAQDAS – *Computer Aided Qualitative Data Analysis Software*. O uso de tais programas tem sido alvo de intensos debates, envolvendo o que muitos autores classificam como “aplicação da informática na análise de dados”. Existem diversos tipos de CAQDAS, tais como os voltados para gerenciamento de dados, pesquisa de textos, construção de mapas conceituais e construção de teoria com base em atividades de codificação e recuperação. Na

⁴ “Outros” incluem: alarme, tédio, desprezo e animação.

literatura recente sobre o tema, as ferramentas mencionadas com mais frequência são a Transana, Atlas.ti, NUD*IST, NVivo 7.0, THEMA e HyperRESEARCH, que podem ser encontradas no site <http://www.textanalysis.info/info/ret.htm>. Esses programas podem, então, executar análises estatísticas sofisticadas para identificar as relações sequenciais entre diferentes categorias comportamentais ou combinações de categorias.

É importante ressaltar, no entanto, que O'Halloran et al. (2010) recentemente apresentaram um projeto de colaboração interdisciplinar entre cientistas da computação e cientistas sociais. Esse projeto se desenvolveu no Laboratório da Análise Multimodal na Universidade de Singapura, intitulado "Eventos no mundo", e refere-se a protótipos de *softwares* para análise de fenômenos multimodais em pesquisas qualitativas. O'Halloran (2010) apresenta uma amostra de análise usando o *software* em destaque. Como forma ilustrativa, ver Figura 1.



Figura 1. *Software* do Lab análise multimodal.
Fonte: O'Halloran (2010).

Segundo Bauer e Gaskell (2008), esses *softwares* irão fazer, no mínimo, o que os pesquisadores sempre fizeram, mas farão isso de forma mais sistemática e mais eficiente. Em vez de ter sistemas de tabelas e canetas para marcar o texto, o computador mantém o sistema de fichas e permite modificações na análise dos dados com menos esforço, cujos resultados são armazenados em um banco de dados e,

portanto, capazes de ser interrogados, visualizados, compartilhados e comparados, fazendo com que a pesquisa ganhe mais confiabilidade em suas análises interativas.

Conclusão

Este artigo foi escrito como parte dos recentes estudos sobre as discussões metodológicas que insistem na inclusão do elemento da interação social na análise de dados de grupos focais. Aparentemente, as interações sociais não têm sido previamente objeto de investigação em relação à análise dos dados. Vários estudos sugerem que a característica definidora do método está ou tem estado praticamente ausente na maioria das pesquisas que usam o grupo focal como metodologia de investigação. Nessa perspectiva, este ensaio oferece três importantes contribuições:

A primeira é sugerir que a ausência da reflexão das interações dos participantes na literatura de grupos focais é mais uma posição filosófica do que propriamente uma negligência inconsciente. A interação do participante tem sido tratada de forma diversa em diferentes tipos de pesquisa, refletindo uma divisão tácita entre pesquisadores que veem os participantes como indivíduos que compartilham verdades realizadas e aqueles que os veem como seres sociais na co-construção de significado. Tudo vai depender das comparações que o investigador deseja fazer, do tópico da pesquisa, do tipo de dados que o pesquisador deseja gerar e como planeja analisar.

Assim, não há um jeito certo ou errado de se fazer pesquisa com grupos focais: o pesquisador é livre para adaptar, tomar emprestado e combinar quaisquer abordagens que deseje, e o desenvolvimento de híbridos é inteiramente aceitável – desde que a abordagem possa ser justificada no contexto específico do estudo, como bem já afirmaram Kitzinger e Barbour (1999 apud BARBOUR, 2009).

A segunda contribuição constitui-se na apresentação de lista de 19 tipos de análise qualitativa com base nos estudos de Leech e Onwuegbuzie (2008), juntamente com uma breve descrição de cada uma delas. Por conhecerem a diversidade de opções, espera-se que os pesquisadores possam começar a utilizar mais de um tipo de análise, a fim de consubstanciar os resultados de suas pesquisas. Acredita-se que a utilização de vários tipos de análise em determinado estudo possa levar o investigador a visualizar os dados com múltiplos pontos de vista. Além disso, o uso de vários tipos de análise pode ajudar a aprofundar a compreensão do fenômeno investigado, aumentando o rigor das análises em pesquisas qualitativas.

E, finalmente, a terceira contribuição deste artigo foi discutir a importância da integração da comunicação não verbal na análise dos dados. Procurou-se mostrar que a coleta e análise dos dados da comunicação não verbal não podem se embasar puramente em processos intuitivos, mas devem contar com observações sérias, precisas e bem fundadas, por meio de registros bem estruturados com tabelas ou com a ajuda de *softwares*.

Referências

- AGAR, M.; MACDONALD, J. Focus groups and ethnography. *Human Organization*, v. 54(1): 78-86, 1995.
- BARBOUR, R. Grupos focais. Tradução: Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BILLIG, M. Arguing and thinking: a rhetorical approach to social psychology. 2. ed. London: Sage, 1996.
- BULL, P. State of the art: nonverbal communication. *The Psychologist*, v. 14: 644-647, 2001. Disponível em: <http://www.thepsychologist.org.uk/archive/archive_home.cfm/volumeID_14-editionID_75-ArticleID_338-getfile_getPDF/thepsychologist/bull.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2011.
- CRESWELL, J. W. *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches*. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 2007.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.) *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2006.
- DOLMANS, D. et al. Solving problems with group work in problem-based learning: hold on to the philosophy. *Medical Education*, v. 35: 884-889, 2001.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <[http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia do Oprimido.pdf](http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_do_Oprimido.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2011.
- GIDDENS, A. *New rules of sociological method*. Cambridge: Polity, 1993.
- GORDEN, R. L. *Interviewing strategy, techniques, and tactics*. Homewood: Dorsey, 1980.

GRØNKJÆR, M. et al. Analysing group interaction in focus group research: impact on content and the role of the moderator. *Qualitative Studies*, v. 2(1), 2011.

HALKIER, B. Focus groups as social enactments: integrating interaction and content in the analysis of focus group data. *Qualitative Research*, v. 10: 71-89, 2010.

HYDEN, L. C.; BÜLOW, P. H. Who's talking: drawing conclusions from focus groups □ some methodological considerations. *International Journal of Social Research Methodology*, v. 6(4): 305-321, 2003.

KITZINGER, J. The methodology of focus groups: the importance of interaction between research participants. *Sociology of Health & Illness*, v. 16(1): 103-121, 1994.

KRUEGER, R. A. Focus groups: a practical guide for applied research. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 1994.

LEECH, N.; ONWUEGBUZIE, A. J. Qualitative data analysis: a compendium of techniques and a framework for selection for school psychology research and beyond. *School Psychology Quarterly*, v. 23(4): 587-604, 2008.

MARKOVÀ, I. et al. *Dialogue in focus groups: exploring socially shared knowledge*. London: Equinox, 2007.

MENEZES, V. et al. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MORGAN, D. L. Focus groups. *Annual Review of Sociology*, v. 22(1): 129-152, 1996.

ÖBERG, G. Where to begin? Grappling with how to use participant interaction in focus group design. *Qualitative Research*. No prelo.

O'HALLORAN, K. L. Multimodal discourse analysis. In: HYLAND, K.; PALTRIDGE, B. (Ed.). *Companion to discourse analysis*. London: Continuum. 2010. Disponível em: <[http://multimodal-analysis-lab.org/docs/pubs14-OHalloran%28in%20press%202011%29-Multimodal Discourse Analysis.pdf](http://multimodal-analysis-lab.org/docs/pubs14-OHalloran%28in%20press%202011%29-Multimodal%20Discourse%20Analysis.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2010.

O'HALLORAN, K. L. et al. Multimodal discourse: critical analysis within an interactive software environment. 2010. Disponível em: <<http://multimodal-analysis-lab.org/docs/pubs09-MultimodalDiscourse-CriticalAnalysis-O'Halloran.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2010.

ONWUEGBUZIE, A. J. et al. A qualitative framework for collecting and analyzing data in focus group research. *International Institute for Qualitative Methodology*, 2009. Disponível em: <<http://ejournals.library.ualberta.ca/index.php/IJQM/article/viewFile/4554/5593>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

_____. Innovative data collection strategies in qualitative research. In: VOGT, W. P.; WILLIAMS, M. (Ed.). *The handbook of methodological innovation*. Thousand Oaks: Sage, 2010. Disponível em: <<http://www.nova.edu/ssss/QR/QR15-3/onwuegbuzie.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

SMITHSON, J. Using and analysing focus groups: limitations and possibilities. *International Journal of Social Research Methodology*, v. 3(2): 103-119, 2000.

WEBB, C.; KEVERN, J. Focus groups as a research method: a critique of some aspects of their use in nursing research. *Journal of Advanced Nursing*, v. 33(6): 798-805, 2008.

WIBECK, V. et al. Learning in focus groups: an analytical dimension for enhancing focus group research. *Qualitative Research*, v. 7(2): 249-267, 2007.

WILKINSON, S. Focus group methodology: a review. *International Journal of Social Research Methodology*, v. 1(3): 181-203, 1998.